



Do anonimato à vitória: as primeiras medalhas olímpicas femininas do Brasil e a imprensa esportiva em Atlanta-1996¹

Simone Mariana Pompeu Coelho ²

Universidade Presbiteriana Mackenzie – Centro de Comunicação e Letras

Resumo

A prática esportiva, na Antigüidade, era exclusivamente masculina. Às mulheres cabia somente a entrega das medalhas. Com o movimento feminista, o espaço das atletas no esporte começou a ser conquistado pouco a pouco. Em 1996, em Atlanta (EUA), no centenário dos Jogos Olímpicos Modernos, elas já representavam 35,1% do total de competidores. Este estudo procura analisar de que modo os jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* reconstruíram a participação feminina na Olimpíada de Atlanta, competição em que, pela primeira vez na história, mulheres brasileiras conquistaram medalhas.

Palavras-chave

Olimpíadas; Mulher; Jornalismo Esportivo; Esporte.

Introdução

O esporte é uma forma de lazer que traz benefícios à saúde e responsabilidade social, por meio do sentimento de coletividade e união. A evolução dessa atividade gerou profissionais que se envolvem em competições e representam um grupo, uma cidade ou um país. O jornalismo esportivo tem como finalidade transmitir e, indiretamente, incentivar a prática das diferentes modalidades esportivas. Durante a época dos campeonatos mundiais, cada esporte, em diversas categorias, recebe um maior enfoque devido à abrangência de diferentes países envolvidos na disputa.

Este trabalho apresenta como assunto a cobertura jornalística das modalidades esportivas femininas. Utiliza como veículos de pesquisa os jornais *Folha de São Paulo*, por ser o impresso de maior vendagem no Brasil, e *O Estado de São Paulo*, pela tradição e importância no território nacional.

O período abordado é o correspondente à Olimpíada de Atlanta, disputada em 1996, englobando-se desde o mês anterior (junho) até o posterior (agosto e começo de

¹ Trabalho apresentado no III Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação.

² Graduanda em Jornalismo no Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie.



setembro) ao evento. O motivo da escolha deve-se ao fato de essa Olimpíada ser a primeira em que atletas brasileiras conquistaram medalhas de ouro (com a dupla de jogadoras de vôlei de praia Jacqueline & Sandra), prata (o time de basquete e outra dupla de vôlei de praia, Mônica & Adriana) e bronze (equipe de vôlei de quadra), e também por representar o centenário dos Jogos Olímpicos da Era Moderna.

Para ampliar a análise, a pesquisa abrange a preparação e a divulgação dos resultados dos Jogos Olímpicos, comparando a *Folha* e o *Estado*, e verificando-se de que modo a ênfase sobre as categorias esportivas femininas se modificou ao longo da história.

A pesquisa parte da hipótese de que a mídia prioriza a prática dos esportes masculinos, em detrimento das modalidades femininas. Entretanto, com o sucesso das atletas femininas brasileiras na Olimpíada de Atlanta, o trabalho investiga se a cobertura dos jornais estudados apresentou alterações em função dos resultados esportivos.

O presente estudo tem como objetivo geral analisar a evolução da cobertura jornalística dos esportes femininos na mídia impressa e verificar de que forma jornais de referência paulistas abordaram a campanha das atletas femininas brasileiras na Olimpíada de 1996, disputada na cidade norte-americana de Atlanta.

Além de estudar as matérias divulgadas pelos jornais *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo*, o trabalho compreende entrevistas realizadas com atletas (femininos e masculinos) e jornalistas participantes da competição, para entender, a fundo, de que maneira foram noticiados os acontecimentos esportivos, na época. Entrevistará, também, os esportistas e a jornalistas atuais, buscando investigar se houve alguma alteração no modo de abordagem e na divulgação dos eventos relacionados ao tema e dos seus resultados.



Referencial teórico

- O jornalismo esportivo

O jornalismo esportivo apresenta como foco a cobertura de esportes competitivos, sendo esses coletivos ou individuais. Por meio dessa transmissão pode incentivar a prática e o interesse da população. Segundo Luciano Maluly:

O jornalismo trabalha, primeiramente, com dados escolhidos pela equipe de reportagem, mas que são determinados pelo acontecimento. Os dados dependem da característica daquela cobertura, mas no jornalismo esportivo o fato vem sempre antes, porque a data, o local e a competição já estão previamente marcados. Os competidores já foram na sua maioria, escolhidos e o repórter acaba dependendo apenas do desenrolar dos fatos. (MALULY: 2005, p. 45 e 46)

A pesquisa do histórico de cada fato reportado ajuda na elaboração das perguntas, auxilia na cobertura do assunto melhorando a matéria final. Nessa área jornalística o cenário retratado é real, as personagens também são reais, mas a utilização de elementos abstratos contribui para um enriquecimento da mensagem. Maluly conta em seu artigo:

Produções artísticas e culturais como literatura, cinema, teatro, música, entre outras fontes são importantíssimas para o aprimoramento da matéria esportiva. O jornalista esportivo consegue explorar um contexto amplo na matéria, fugindo da cobertura simples e factual da competição. Um disputa pode ser transformada em espetáculo, com personagens e histórias. (...) A cobertura é fundamentada assim com diversos referenciais. (...) A informação jornalística é sempre respeitada como um relato que acrescenta algo ao público. (MALULY: 2005, p. 49 e 50)

Para apresentar fidelidade à profissão é necessário procurar diversas fontes, com opiniões diferenciadas, e não somente a principal, pois o jornalista tem como objetivo relatar os fatos imparcialmente, sem favorecer a nenhuma personagem divulgada. Os jornais apresentam também manuais de redação, que são uma forma de indicação para se escrever dentro dos padrões do local em que trabalha.

A década de 1930 foi a época que os jornais brasileiros começaram a ter mais espaço, um maior investimento em máquinas mais modernas, em técnicas de escrita e de impressão; além de noticiarem assunto presentes no cotidiano, que ainda não eram



divulgados, por exemplo o esporte. Nessa época, tal atividade era restrita a elite e a compra dos exemplares impressos também era selecionada a mesma.

Vera Regina Toledo Camargo, em: “O Comunicador e o Educador Esportivo: Novos Paradigmas para o Jornalismo Esportivo”, explica:

(...) a população possuía dificuldades de compreender a mensagem, por falta de instrução, ou porque os termos esportivos da época faziam referências a línguas estrangeiras, mais especificamente à língua inglesa. Desta forma, compreendemos que a massificação do esporte e dos meios de comunicação de massa aconteceu efetivamente com a união do futebol de campo com o rádio. Este marco ocorreu por volta das décadas de 1940 e 1950. (CAMARGO: 2005, p. 28)

O surgimento da televisão, a imagem e uma nova abordagem geraram uma revolução no jornalismo, incluindo o esportivo. Assim como o rádio, também gerou uma integração da camada da sociedade elitista e da popular. Esta relação só foi superada com a invenção da Internet, em 1990, trazendo a interatividade. O tempo do acontecido fica mais perto da divulgação jornalística e facilita os leitores, que podem ler rapidamente durante ou no intervalo da sua jornada. Além disso, trazer notícias sobre jogos em todo o mundo, que aproxima o leitor ou o telespectador dos outros países. Durante o cotidiano a divulgação é mais focada na região de origem do jornal, mas durante as competições mundiais, essas recebem um maior enfoque; como: a Copa do Mundo de Futebol e os Jogos Olímpicos.

Com a invenção e o avanço do rádio, da televisão e, atualmente, a internet, os veículos escolhidos e todos os outros impressos vivem uma crise. A agilidade, a interatividade e a simultaneidade dos veículos audiovisuais parecem chegar mais perto da realidade, além de facilitar a vida da população, que podem enquanto fazem outras atividades ouvir ou assistir aos jornais. A televisão e o rádio têm a vantagem, ainda, de atenderem o público analfabeto e com deficiências visuais.

Porém os impressos, revistas e jornais, são mais aprofundados em suas matérias, têm a possibilidade de trazerem box e gráficos explicando ou trazendo mais informações sobre o tema explorado. Eles também podem aumentar o número de páginas ou diminuir de acordo com o dia e com a quantidade de notícias, ao passo que



as transmissões televisivas e radiofônicas apresentam um tempo previamente determinado e necessitam encontrar ou reduzir as matérias em sua programação.

Todos eles, apesar das vantagens e desvantagens, devem seguir as normas de redação local e divulgá-las de forma clara no conteúdo de uma matéria. Mário Erbolato afirma:

Os jornais se destinam à massa e, ao serem preparados, ignora-se a quem chegarão os seus exemplares, que tanto poderão ser lidos pelo Presidente da República, ministros, senadores, governadores, deputados, prefeitos, vereadores, embaixadores e cientistas quanto por pessoas humildes, das classes populares e apenas com o curso primário. A linguagem, portanto, deve ser correta e acessível a todos. O primeiro dever do jornalista é conhecer as regras gramaticais, a fim de que seus textos não apresentem erros graves. O segredo da boa notícia depende da maneira compreensível como chega ao receptor. (ERBOLATO: 2004, p 90)

- Teorias do Jornalismo

“As notícias são as matérias-primas do jornalismo, pois somente depois de conhecidas e divulgadas é que os assuntos aos quais se referem podem ser comentados, interpretados e pesquisados, servindo também de motivo para gráficos e charges”. (ERBOLATO: 2004, p. 49) Essa frase é a definição de notícia de Mário Erbolato em seu livro *Técnicas de Codificação em Jornalismo*, e é a partir deste conceito que o presente projeto de Iniciação Científica irá se fundamentar, pois somente por intermédio de um fato noticiado existe atividade jornalística. É o fato que liga o público (o receptor, a quem a informação é destinada) e o jornalista (o emissor, quem transmite os fatos através de jornais, revistas, redes de televisão, estações de rádio, *internet*).

Há alguns elementos básicos para se noticiar um acontecimento. É necessário que ele seja recente (traz idéia de instantaneidade em que as ações acontecem); objetivo (para que fique mais clara a idéia passada); verdadeiro (correspondendo à realidade); abrangente (gerando a noção de totalidade do espaço, do tempo, das personagens e das conseqüências); de interesse público e inédito (atraindo a curiosidade da população); a proximidade (ocorre identidade entre as pessoas e os participantes envolvidos no fato); continuidade (possibilita a existência de matérias relacionadas ao assunto em edições posteriores a primeira publicação, e com que ele, assim, seja atualizado); tenha personagens notáveis, na maioria dos casos.



O jornalismo apresenta, ainda, outros critérios de noticiabilidade. Uma notícia pode ser dividida em: interessante e importante. Para Lorenzo Gomís (autor do texto: “Do importante ao interessante – ensaio sobre critérios para a noticiabilidade no jornalismo” publicado na Revista *Pauta Geral*) os dois “valores-notícias” são pertinentes.

“Tanto o importante quanto o interessante tem direito de cidadania no campo da informação jornalística. Se comunicamos um fato que é importante, prestamos um serviço à comunidade. Se imprimimos algo que é interessante e que, com efeito, interessará ao leitor, vendemos mais jornais ou, no caso de meios audiovisuais, atrairemos mais audiência. Tanto o importante quanto o interessante têm peso jornalístico e informativo próprio e específico”. (GOMIS: 2002, p. 226)

Matérias importantes são aquelas que possuem conseqüências (comentários, outros fatos), que modificam ou acrescentam dados à história, são reais, raras e fundamentais para a população, pois todos têm a obrigação de saber. A repercussão da notícia afeta diretamente a importância do acontecimento; um aumenta a medida que o outro também cresce. O importante tem duas subdivisões: os resultados e as explosões. O primeiro aparece quando um encerramento de um algum regime, de alguma lei, de algum processo ocorre no mundo. “São indiscutíveis, (...) dão seriedade informativa aos meios. (...) O mais importante (...) é o que corresponde à ordem do interesse geral.” (GOMÍS: 2002, p. 232). Um exemplo é a conquista de medalhas. As explosões são o oposto; correspondem ao inesperado. Costumam ser destrutivas, violentas, na maioria das vezes “o símbolo da explosão é a morte” (GOMIS: 2002,p. 233). Podem ser exemplificadas pela conquista inesperada de medalhas das esportivas femininas brasileiras nos Jogos Olímpicos de 1996, ou até o afastamento de alguns atletas por contusões inesperadas.

O interessante satisfaz o que as pessoas gostam de saber. São matérias que não precisam de continuidade, acontecem facilmente no cotidiano. “O interessante fornece o material da conversa diária, permite a todos comunicar suas idéias, suas impressões, seus critérios e dados sobre os mais variados assuntos.” (GOMIS: 2002,p. 235) Este conceito se subdivide em: aparições e deslocamentos.

As aparições acontecem quando uma pessoa notável dá alguma declaração ou realiza alguma ação curiosa. Exemplos: curiosidades sobre a vida dos atletas que participaram da Olimpíada de Atlanta em 1996. O deslocamento representa os movimentos, as mobilizações, as reuniões e até os agrupamentos, por isso



complementam a primeira subdivisão citada. Por exemplo, a viagem realizada pelos esportistas para participar das competições.

No dia-a-dia jornalístico, o interesse e a importância relatados podem ser usados juntos, como complementos, para enriquecer o tema e podem até se misturar. ”(...) uma notícia canônica é aquela na qual o jornalista pressupõe o máximo interesse jornalístico como uma mescla quase perfeita entre as expectativas de comentários e as consequências”. (SÁEZ, Albert. Citado em: GOMÍS: 2002, p. 228).

Anteriormente à publicação do texto de Lorenzo Gomís, surge na Europa (especialmente na França), durante as décadas de 1960 e 1970, o que se convencionou chamar de Análise de Discurso. Com base no estruturalismo, a Análise do Discurso (AD) de linha francesa tem como característica avaliar também as estruturas de uma obra. Só que não se preocupa apenas com as estruturas, mas principalmente com o contexto e com o momento de produção da obra. A AD permite que se possa verificar os sentidos e as intenções das escolhas por certas palavras e imagens da obra como um todo, entender minuciosamente todo o conteúdo e todo o modo de se transmitir informação em um texto.

Trata-se de um referencial teórico importante, portanto, a este trabalho, para que se consiga compreender as matérias dos jornais *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo* publicadas no período de preparação das Olimpíadas de Atlanta de 1996 e durante a competição de fato. Desse modo há uma análise do porquê da opção de determinadas fotografias, manchetes, títulos, olhos, janelas, texto, legenda e também a montagem da página de cada um desses veículos.

Metodologia

O método de abordagem utilizado é o indutivo, pois apresenta uma análise que parte do particular para chegar a uma ideia geral. O trabalho abrange uma comparação entre os jornais *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo*, no período de junho a agosto de 1996, compreendendo os preparativos e expectativas para a Olimpíada de Atlanta, a própria competição olímpica e suas conseqüências. Parte da hipótese de que existe uma prioridade na mídia em noticiar as modalidades esportivas masculinas, em detrimento da cobertura das competições femininas.

No desenvolvimento do trabalho é necessário examinar as informações de forma explicativa, pois os dados são coletados e estudados para que haja na finalização uma reunião de todos os elementos em um só desfecho.

Com o intuito de ter uma ponderação correta dos fatos, utiliza-se uma avaliação histórica dos marcos femininos no esporte, principalmente nos Jogos Olímpicos, e do posicionamento adotado pelos dois veículos escolhidos. Esta análise tenciona investigar o modo pelo qual as notícias são construídas e a importância dos feitos esportivos (com enfoque na delegação brasileira feminina e na Olimpíada de 1996). Durante tal procedimento torna-se preciso visitar os acervos dos jornais e o Arquivo do Estado de São Paulo que disponibilizam os exemplares que serão usados na realização da pesquisa.

Há uma farta leitura bibliográfica de títulos que são a base de estudos jornalísticos, além dos manuais de redação da *Folha de São Paulo* e do *Estado de São Paulo*, para o entendimento e a verificação da abordagem adotada pelos veículos determinados partindo dos princípios de redação de cada um. Durante esta etapa, ainda, foram lidas obras e monografias relacionadas com o esporte, as modalidades olímpicas e o jornalismo esportivo.

O estudo compreende ainda: 1) entrevistas com jornalistas que participaram da cobertura dos Jogos Olímpicos de Atlanta no ano de 1996 pelos jornais citados além de outros profissionais da área (os entrevistados vão de repórteres a editores); 2) entrevistas com os atletas masculinos e femininos que competiram durante o período apresentado e também aquelas que não foram, mas estão em destaque ou estão iniciando sua carreira profissional atualmente. Todos eles dão depoimentos e pontos de vista, de acordo com



suas vivências e seus conhecimentos sobre o assunto. Os docentes do Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie colaboram com a discussão dos conceitos básicos e técnicos da profissão.

Em todas as etapas do trabalho são cumpridas as normas éticas pessoais e profissionais, respeitando tanto os jornalistas quanto os atletas participantes.



Desenvolvimento

O início das análises de alguns artigos e livros juntamente com algumas entrevistas feitas, trouxe ao trabalho a idéia de que a mulher aparece, em grande parte dos casos, um menor número de vezes nas matérias jornalísticas do que o homem, quando o tema a ser tratado é o esporte. Isso porque, desde a antigüidade a mulher era tida como incapaz. Esse problema cultural e social não foi modificado facilmente. O Barão Pierre de Coubertain, responsável por implantar os Jogos Olímpicos Modernos, também era contrário à inserção da mulher na prática esportiva; dizia ele que:

“A campanha feminista pela prática dos esportes pretende simplesmente a anexação de tudo o que até agora era do domínio do homem. Tecnicamente as atletas que se apresentam aqui e ali não exibem interesse algum; serão sempre imitações imperfeitas. Talvez as mulheres compreenderão logo que esta tentativa não é proveitosa nem para o seu encanto nem mesmo para sua saúde. Entretanto, não deixa de ser interessante que a mulher possa tomar parte, em proporção bem grande, nos prazeres esportivos do marido e que a mãe possa dirigir inteligentemente a educação física dos seus filhos.” (Fonte: www.ibge.org.br/ibgeteen)

A luta por um espaço e pelo reconhecimento da mulher enquanto atleta durou muitos anos. No Brasil, Aida dos Santos foi a única representante brasileira no atletismo e a única mulher a participar da Olimpíada de Tóquio em 1964. Ela conquistou o 4º lugar em salto em altura, melhor marca do atletismo do Brasil até hoje em competições olímpicas, e manteve-se por 40 anos como o melhor resultado feminino individual brasileiro em Olimpíadas, apenas igualado em 2004 pela lutadora de Tae-Kwon-Do Natália Flavigna. Mesmo Aida tendo tanto sucesso, apesar das condições precárias em que participou da competição (não tinha tênis especializado nem uniforme) e conquistando o índice para os Jogos Olímpicos de 1968, ela foi impedida de participar dessa competição. A atleta chegou a declarar que não importava o sacrifício do corpo: o importante, para ela era usar o uniforme verde e amarelo, que lhe dava uma grande emoção. (Fonte: Exposição Aida dos Santos)

Hoje vigora a lei criada em 1941 e regulamentada em 1965, a qual define que:

“Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”. (Decreto-lei nº 3199. Capítulo IX – Artigo 54, regulamentado em 1965)

Atualmente a mulher adquiriu uma posição de respeito no esporte; na Olimpíada de 1996 elas representavam 35,1% do total de participantes, enquanto que no ano de 1900, as primeiras competições olímpicas em que representantes do sexo feminino puderam participar, elas eram apenas 1,7%. A sua participação em eventos esportivos também recebeu um salto muito grande: em 1900, de 43 eventos, elas compareceram em apenas 3,5%. Já em 1996, de 271 eventos, as atletas femininas estiveram em 39,9%.

Apesar desse espaço conquistado, ainda persistem várias diferenças entre os sexos. O disco feminino para lançamentos pesa a metade do disco masculino. No ano de 1928, quando saltaram em altura pela primeira vez, as mulheres ficaram 35 centímetros abaixo da marca dos homens; em 1992 a diferença caiu para 32 centímetros. O campeão masculino dos 100 metros rasos em 1952, Lindy Remigino, fez a marca de 10s4; somente em 1992, a atleta feminina Gail Devers Roberts, vencedora da prova na Olimpíada de Barcelona, aproximou-se daquela marca, completando a prova com 10s82. Para entender o motivo dessas disparidades entre homens e mulheres, este estudo inclui ainda entrevistas com médicos especialistas em fisiologia, além de bibliografia específica sobre o tema.

A mídia como informante, poderia igualar as condições das mulheres aos homens; mas, na realidade, não acontece isso. As edições do jornal *Folha de São Paulo* estudadas até o momento dão menor enfoque às notícias com atletas do sexo feminino. As matérias são apenas notas no canto da página ou têm o texto com menos conteúdo e fotografias grandes, ocupando assim um grande espaço na página em que se encontra, mas que na realidade é somente para evidenciar o fato de naquele local ter uma referência às mulheres. O que acontece, na maioria dos casos, é a necessidade de usar a palavra “feminino”, pois o restante dos assuntos é todo retratado de atletas homens. A palavra “masculino” também aparece em algumas manchetes, mas em menor número.

Os impressos escolhidos preferem, também, escrever sobre os mais variados campeonatos masculinos e se ater, apenas, à temática feminina quando se refere à Olimpíada de Atlanta-96 (revelações, amistosos, jogadoras convocadas). Muitas vezes trazem notícias que classificam as atletas a partir do rótulo de “mulher-objeto”. Um exemplo é a matéria “A Beleza Olímpica”, publicada na *Folha de S. Paulo* e que traz um ensaio fotográfico com poses sensuais de algumas das participantes brasileiras dos



Jogos Olímpicos de Atlanta, juntamente com detalhes que enaltecem a vontade de a mulher delinear o corpo.

Durante o período estudado neste projeto, as atletas que mais se sobressaíram foram as jogadoras de basquete Hortência e Magic Paula, devido ao bom resultado da seleção brasileira na conquista do Campeonato Mundial em 1994. Esportes que não tiveram tanto sucesso ou não participaram de uma outra Olimpíada anteriormente não foram nem mesmo citados, como é o caso do futebol feminino brasileiro. Outros assuntos, como o fato de o jogador de futebol Edmundo ser pai do filho de uma modelo, recebem maior destaque, até mesmo na primeira página do jornal. Por outro lado, a reabilitação da jogadora de vôlei Ana Moser divide página com um grande anúncio publicitário.

Em suma, este estudo parte da hipótese de que a mídia prioriza a prática dos esportes masculinos, em detrimento das modalidades femininas. Entretanto, com o sucesso das atletas femininas brasileiras na Olimpíada de Atlanta, procuramos investigar até que ponto a cobertura dos jornais estudados apresentou alterações em função dos resultados esportivos. A pesquisa abrange, assim, a preparação e a divulgação dos resultados dos Jogos Olímpicos, comparando a *Folha* e o *Estado*, e verificando-se de que modo a ênfase sobre as categorias esportivas femininas se modificou ao longo da competição.



Conclusão

A partir das análises das edições da *Folha de São Paulo* no período previamente determinado nota-se que as esportistas só aparecem nas matérias quando o assunto é a Olimpíada (jogos preparatórios e o próprio evento). No mês posterior os Jogos Olímpicos as atletas são citadas cada vez menos, aparecendo somente aquelas que obtiveram medalha e mesmo assim em notas no canto da página ou notícias de pouco destaque.

A *Folha* dá maior ênfase nas matérias relacionadas às modalidades femininas ao time de vôlei (jogadoras e o técnico Bernardinho) e também a atletas de maneira isolada como é o caso da Hortência (basquete) e a Ednanci (judô).

As fotografias que recebem maior tamanho e um maior destaque na página do jornal são aquelas que retratam a mulher de forma masculinizada (como as atletas fazendo musculação, a Ednanci raspando o cabelo, algumas lances do jogo que do ângulo que o fotógrafo tirou a foto lembram homens jogando); ou então recebem o rótulo de mulher objeto (como o caso anteriormente citado da matéria “A Beleza Olímpica”).

Segundo alguns jornalistas esportivos entrevistados essa questão está implantada na sociedade, não é apenas um “ato falho” da imprensa. A sociedade deveria mudar seus conceitos, mas é algo que vem de décadas anteriores que está na cultura e que por isso é difícil de mudar rapidamente.



Referências bibliográficas

- BRANDÃO, Helena. *Introdução à Análise do Discurso*. Campinas: Ed. Unicamp, 1995.
- BUITONI, Dulclia Schroeder. *Imprensa feminina*. 2ª edição. Editora Ática. São Paulo, 1990.
- CARDOSO, Maurício. *100 anos de olimpíadas: de Atenas a Atlanta*. São Paulo: Scritta, 1996.
- COELHO, Paulo Vinícius. *Jornalismo Esportivo*. São Paulo: Contexto, 2004.
- GOMIS, Lorenzo. “Do Importante ao interessante: ensaio sobre os critérios de noticiabilidade no jornalismo” IN: *Pauta Geral: Revista de Jornalismo*. Ano 9, nº 4. Salvador: Calandra, 2002.
- KNIJNIK, Jorge Dorfman. *Mulher brasileira e o esporte: seu corpo, sua história*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2003
- LAGE, Nilson. *Linguagem Jornalística*. São Paulo: Ática, 1993.
- LANCELLOTTI, Sílvio. *Olimpíada 100 anos: história completa dos jogos*. São Paulo: Círculo do Livro, 1996.
- MARQUES, José Carlos; CARVALHO, Sérgio; CAMARGO, Vera Regina Toledo. *Comunicação e esporte: tendências*. Santa Maria: Editora Pallotti, 2005.
- PINTO, Milton J. *Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos*. São Paulo: Hacker Editores, 1999.
- PRIORE, Mary Del. *História das mulheres no Brasil*. 5ª edição. São Paulo: Contexto, 2001.
- SIMÕES, Antonio Carlos Simões. *Mulher e esporte: mitos e verdades*. São Paulo: Manole, 2003.
- TAMBUCCI, Pascoal Luiz; OLIVEIRA, Guilmar Mariz de; COELHO SOBRINHO, José. *Esporte e jornalismo*. São Paulo: EDUSP, 1997.
- TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo*. Vol. 1. Florianópolis: Insular, 2004.
- TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo*. Vol. 2. Florianópolis: Insular, 2005.